

## OS LUSÍADAS: ENTRE O MITO E A HISTÓRIA DE PORTUGAL

### META

Analisar os aspectos estéticos, culturais e históricos da epopéia *Os lusíadas* de Luís de Camões. Apontar as diferenças entre os discursos míticos e históricos presentes na obra *Os Lusíadas*.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: identificar os principais fatos históricos portugueses presentes em *Os lusíadas*. caracterizar *Os lusíadas* como uma epopéia separando os principais elementos que esse gênero exige: herói, história, mitos, presença do maravilhoso. diferenciar a epopéia de Camões das epopéias clássicas.

### PRÉ-REQUISITOS

Poesia renascentista, teoria da épica e história de Portugal.



“Camões lendo Os Lusíadas” Antonio Teixeira Carneiro - óleo sobre tela 1925 / 1929.

(Fonte: <http://www.flickr.com>)

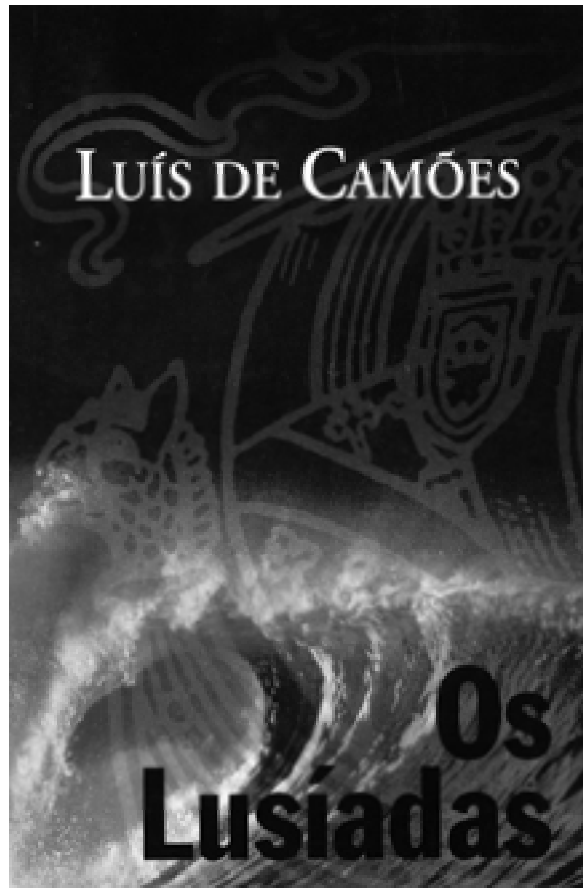
### INTRODUÇÃO

Nesta aula, você terá uma análise comentada da grande obra épica *Os Lusíadas*. A história de Portugal é passada a limpa pela ótica renascentista. A influência clássica está assinalada do início ao fim dessa obra, marcada pelo conhecimento cultural e pela experiência aventureira de Camões. *Os Lusíadas* traz uma homenagem ao povo português, como você poderá constatar nesta aula. Uma homenagem grandiosa, de canto da nacionalidade portuguesa e da tentativa de construção de um futuro mais imponente que o passado. A partir da saída de Vasco da Gama para a conquista dos caminhos a Índias, e do mundo, temos a narrativa de uma grande viagem da conquista até a volta a Portugal, comprovando que se trata do mito da dominação portuguesa. A influência dos deuses e mitos clássicos se confunde com a história portuguesa, mas o grande herói não é um personagem, mas sim o povo.



Os Lusíadas e outras obras seleccionadas, Luis Vaz de Camões, © 2008, (sic) idéia e criação editorial, Jacob Taurà.  
(Fonte: <http://www.flickr.com>)

## A CULTURA RENASCENTISTA EM OS LUSÍADAS



Os Lusíadas (Fonte: <http://www.maniadegibi.com/loja/images/Os%20Lusíadas.jpg>)

Vamos começar esta aula com uma leitura do primeiro canto de Os Lusíadas. Pelo que já foi visto neste curso, você deve imaginar que vamos analisar a maior obra já escrita em Língua Portuguesa. Por meio dela temos acesso a história de Portugal, do surgimento com as lutas de Afonso Henriques às grandes navegações. Portanto, você pode fazer uma reflexão da relação entre história explorada neste curso. Lembre-se de alguns acontecimentos políticos e estéticos marcantes estudados para você aproveitar os detalhes históricos dessa narrativa épica. Veja como Camões já começa sua escrita com uma idéia de superação do povo Português:

### Os Lusíadas

#### Canto I

As armas e os barões assinalados,  
Que, da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
Entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis, que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando;  
E aqueles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da Morte libertando;  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram.  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta

Nesse texto épico, Camões inicia sua narrativa valorizando as grandes navegações, destaca que vai falar da história dos grandes Reis de Portugal e passa, de forma ufana, a valorizar as conquistas portuguesas como o maior feito do mundo Cristão. Para ele, bem maior que as conquistas do Imperador Alexandre Magno, por exemplo. Assim, prometendo se espalhar por toda a parte, com valor mais alto que o da antiga tradição, tem início um dos maiores (se não o maior) ícones da cultura portuguesa: o poema épico renascentista de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, cuja primeira edição data de 1572. Longa extensão, história, mito, heroísmo, personagens divinos e humanos, feitos e conquistas que levam à exaltação patriótica, referências clássicas, entre muitos outros elementos, permitem que se reconheçam, na obra, aspectos que a tradição literária épica,

nascida dos poemas homéricos *Iliada* e *Odisséia*, definiu como características próprias desse gênero. Contudo, além das questões de gênero, que possibilitaram que *Os Lusíadas* integrassem o percurso da épica ocidental, Camões inseriu no poema um repertório temático português - que envolve não só aspectos históricos e míticos, próprios da épica, como matérias de natureza aparentemente não épica, como o espírito crítico, o lirismo e a criatividade - capaz de dar à obra um caráter extremamente renovador e particular a partir do qual uma nova forma épica se definiu no Ocidente.

Assim, criando um novo modelo de epopéia, *Os Lusíadas* irmanou-se às obras homéricas e se tornou uma obra inaugural, no que se refere ao percurso épico. Ao mesmo tempo, Camões valorizou a cultura portuguesa naquilo que a faz única dentro do contexto europeu, dimensionando, de forma ampla, a história de Portugal e tudo o que o apogeu das conquistas expansionistas de seu país deixou como legado cultural, positivo e negativo, ao imaginário português<sup>1</sup>.

De forma resumida, para introduzir o assunto, podemos dizer que a relevância histórico-cultural da obra está associada a cinco fatores principais. Em primeiro lugar, e lembrando a inscrição de *Os Lusíadas* no contexto literário renascentista, Camões logrou conciliar duas vertentes aparentemente opostas, a Antigüidade e a Modernidade, pois, ao mesmo tempo em que recuperou e renovou as experiências estéticas clássicas, a elas aderiu uma concepção de mundo progressista, tecnológica, inovadora. Assim, em *Os Lusíadas*, Camões pôde realizar, simultaneamente, um canto histórico e um canto progressista, o que, para as sociedades vindouras representou um ícone sólido de identidade cultural. Em segundo lugar, na época em que a epopéia camoniana foi produzida, a configuração geográfica europeia já tinha um traçado mais ou menos definido em termos de identidades nacionais, assim, historicamente, a representatividade cultural da obra camoniana era amplamente respaldada pelo conhecimento geográfico, coisa que *Odisséia* e *Iliada*, as obras mais valorizadas da épica clássica, não ofereciam ao público leitor<sup>2</sup>, dado o distanciamento temporal e as transformações de ordem geográfica e cultural ocorridas durante o período medieval. Em terceiro lugar, Camões alçou fazer da expressão épica um modo de articular dois tipos de nacionalismo: o de exaltação e o de reflexão crítica.

Além desses três aspectos, outros dois: a condição heróica plural, que será discutida mais adiante; e a conciliação estética e conceitualmente equilibrada dos universos pagão e cristão.

## OS LUSÍADAS: HISTÓRIA, MITO E NAÇÃO



Grandes navegações (Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>.)

Chamada de “Poema da raça”, a obra *Os Lusíadas* reúne, em seus 10 cantos, 1.102 estrofes com versos decassílabos, compondo um total de 8.816 versos em oitava rima<sup>1</sup>. Nele se flagra, simultaneamente, a cosmovisão portuguesa renascentista e um relato da situação histórica portuguesa no momento em que atingia o ápice como nação desbravadora e formadora de novos mundos. O caráter nacionalista das epopéias está presente no poema camoniano. Todavia, o poeta foi mais além, e deixou que também uma visão crítica, voltada para a reflexão sobre as perspectivas portuguesas diante de sua posição histórica e de seu poder, permeasse o canto pátrio. De outro lado, o fato de o próprio Camões ter ido às Índias, colabora para que o plano histórico/geográfico ganhe componentes descritivos bastante verossímeis, assim como as sensações e temores despertados pela experiência da navegação (lembremos que Camões foi vítima de um naufrágio).

Estudar o poema exige, em primeiro lugar, leituras prévias, que nos permitam “navegar” pelas águas históricas, míticas, heróicas e reflexivas do texto sem o receio que produções tão extensas e intensas como as epopéias geralmente produzem nos leitores. Assim, tudo o que, daqui em diante, contemplaremos sobre Os Lusíadas, se fará muito mais útil se for uma leitura complementar à leitura do próprio poema. Além disso, e também dada à extensão e grandiosidade da obra, não é possível dirigir à mesma um olhar tão vasto quanto mereceria. Que fiquem os aspectos estudados como pequenos convites a releituras e reinterpretações da epopéia camonianiana.

O tema da epopéia é a viagem empreendida por Vasco da Gama com o objetivo de chegar às Índias. Como a matéria épica se constitui pela fusão das dimensões real e mítica, somente a viagem em si não dá à temática um caráter épico, já que não há uma imagem mítica suficientemente grande para projetar Vasco da Gama e seus companheiros no rol dos heróis épicos. Assim, incorporando à viagem elementos maravilhosos associados ao imaginário expansionista português, Camões interfere no plano histórico, contribuindo, literariamente, para que a ele se agreguem episódios como o do Gigante Adasmastor e a Ilha dos Amores. Além disso, o poeta explora facetas da cultura portuguesa, como o pessimismo de uma facção política, para o qual cria a figura simbólica do Velho do Restelo, e a imagem mítica de Inês de Castro, que incrementa as possibilidades de expandir a história de Portugal para o âmbito dos valores míticos.

Com *Os Lusíadas*, Camões pretendia um valor épico capaz de superar a tradição à qual a própria obra se vinculava. Ele deixa de seguir, integralmente, a estrutura épica reconhecida por Aristóteles a partir da observação das obras gregas *Odisséia* e *Ilíada*, de Homero, entre outras. Tradicionalmente, são reconhecidas, na obra, cinco partes: a “proposição” (Canto I, estrofes 1 a 3), em que o poeta apresenta a matéria épica, ou seja, os feitos marítimos portugueses sob o comando de Vasco da Gama; a “invocação” (Canto I, estrofes 4 e 5), em que as musas do rio Tejo, as Tágides, são invocadas a ajudar o poeta, inspirando seu fôlego criativo; a “dedicatória” (Canto I, estrofes 6 a 18), em que D. Sebastião, a quem o poema é dedicado, é descrito como o depositário das esperanças lusitanas de que tenha continuidade o expansionismo geográfico e religioso; a “narração” (Canto I, estrofe 19 ao Canto X, estrofe 144), em que a viagem de Vasco de Gama e a história de Portugal são contempladas; e, por fim, o “epílogo” (Canto X, estrofes 145 a 156), em que o poeta dá seu testemunho e revela suas decepções. Há, todavia, outras formas de realizar uma divisão no poema, a depender do foco de reflexões que se tenha em mente.<sup>2</sup>

Pensando em termos de “enredo”, uma vez que, como vimos, a epopéia integra elementos do gênero narrativo, podemos relacionar uma sequência de acontecimentos que são abordados pelo poema, além dos as-

pectos épicos formais (proposição, invocação e dedicatória) e dos trechos líricos. Assim, a narração propriamente dita parte da viagem em plena realização<sup>3</sup> (Canto I, estrofe 19):

Já no largo Oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando;  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das naus as velas côncavas inchando;  
Da branca escuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as proas vão cortando  
As marítimas águas consagradas,  
Que do gado de Proteu são cortadas,

para, então, introduzir o “Concílio dos deuses”, compostos por deuses extraídos da mitologia greco-romana (os deuses são nomeados de acordo com a tradição romana). Neste concílio fica evidente que há vozes dissonantes em relação ao mérito e ao destino dos portugueses. A fala de Júpiter (Canto I, estrofe 24) ratifica o que já havia sido dito na proposição: aos portugueses caberá superar os méritos clássicos

De Luso não perdeis o pensamento,  
Deveis de ter sabido claramente,  
Como é dos Fados grandes certo intento,  
Que por ela se esqueçam os humanos  
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

Claro está que, ao superar seus antepassados, os portugueses criarão um véu também sobre o mérito dos deuses que, nos feitos clássicos, estiveram presentes como mentores, protetores e/ou antagonistas. Entre os descontentes, destaca-se Baco, cujos feitos no Oriente, que geraram os cultos báquicos, poderiam ser aniquilados pelo expansionismo português impregnado, inclusive, da ideologia cristã. Assim, Baco, com toda a simbologia “demoníaca” que possui, é o grande “inimigo” dos portugueses. As ciladas de Baco (descritas e relatadas nos Cantos I e II) se tornarão, desse modo, os primeiros obstáculos a serem vencidos pelos lusitanos.

Mercúrio, aparecendo em sonho a Vasco da Gama, possibilita a superação da maior das ciladas, que seria o encontro entre os portugueses e o falso rei, cuja filosofia anti-cristã reservava aos portugueses destino cruel (Canto II, estrofes 61)



Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,  
Dizendo: “Fuge, fuge, Lusitano,  
Da cilada que o Rei malvado tece,  
Por te trazer ao fim e extremo dano;  
Fuge, que o vento e o Céu te favorece;  
Serenos o tempo tens e o Oceano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
Onde podes seguro agasalhar-te.

Com a ajuda de Vênus, de Mercúrio e a interferência positiva de Júpiter, os portugueses conseguem chegar a Melinde, onde são recebidos pelo próprio rei de Melinde, que vem a bordo e solicita a Vasco da Gama que lhe narre a história de Portugal. A chegada a Melinde é introduzida por um recurso extraído diretamente da tradição épica clássica: abrir os episódios com o raiar do dia. Dos primeiros contatos entre os portugueses e o povo de Melinde, o poema passa ao convite/pedido do rei de Melinde para que Vasco da Gama conte a todos a história de Portugal. Com esse recurso, Camões dá a palavra a Vasco da Gama, que assume, no Canto III, a narração. Esse trecho, curiosamente, parece inserir uma epopéia dentro da outra, já que o próprio poeta volta a invocar a ajuda de Calíope, musa grega da epopéia e mãe do famoso Orfeu, para inspirar a voz de Gama.

A narração de Vasco da Gama tem, portanto, início na estrofe 3 do Canto III e, em termos de acontecimentos que definem o “enredo histórico”, contempla, neste canto, entre outros: a descrição da Europa, a fundação da Lusitânia por Luso, os feitos de D. Henrique de Borgonha, de Egas Moniz e de Afonso Henriques, os infortúnios de Sancho II, os feitos de Afonso III, de D. Dinis, de Afonso IV, o episódio de Inês de Castro (mulher por quem se apaixonou Pedro, herdeiro de Afonso IV, e que, por representar um perigo à sucessão, já que era castelhana e tinha filhos com Pedro, foi executada sob ordens do próprio Afonso IV), a vingança de Pedro I (que fez de Inês uma Rainha, mesmo depois de morta), os insucessos de Fernando I, conseqüências de suas questões amorosas.

Em um dos episódios da história portuguesa, Camões traz algumas reflexões sobre o conflito entre amor e poder de D. Fernando I, Camões abre espaço para sua visão lírico-amorosa. O Canto IV continua a apresentar, cronologicamente, o enredo histórico português. As guerras enfrentadas por D. Beatriz I, última monarca da Dinastia dos Borgonha, a crise de 1383-5, a batalha de Aljubarrota e a transição bélica da dinastia dos Borgonha para a Dinastia dos Avis (ou Joanina), com a vitória de D. João I, com a participação do povo e a paz entre portugueses e castelhanos, o Tratado de Windsor (que amplia os vínculos de amizade entre Portugal e Inglaterra) e o início do processo expansionista português, com a conquista de Ceuta por D. João I, o reinado expansionista e as contribuições

literárias de D. Duarte, o heroísmo santo de Fernando, irmão de Duarte, o expansionismo no norte da África conduzido por Afonso V, as participações decisivas dos reis Dom João II e D. Manuel I (que deu início à dinastia Avis-Beja, devido aos problemas de sucessão de Dom João II) para os descobrimentos portugueses, o sonho profético de D. Manuel, a incumbência de Vasco da Gama de realizar o projeto expansionista de D. Manuel, a partida da expedição de Gama, a reação dos que ficavam (mulheres, idosos, familiares) e a fala do Velho do Restelo são os acontecimentos dimensionados por Gama/Camões nesse canto. Alguns aspectos, relacionados a esses eventos, recebem destaque a seguir.

O heroísmo expansionista de D. João I - que, já idoso, decidiu partir para o território africano, levando consigo seus filhos Duarte, Pedro e Henrique - é cantado por Vasco da Gama/Camões na estrofe 48, como um heroísmo precursor, determinante para o destino português. Não só o domínio geográfico tem relevância, mas, mais uma vez, o aspecto religioso e o papel português de submeter a fé muçulmana ao cristianismo. Continuando a narrativa dos reis portugueses, Camões chega ao contexto do Renascimento, retratando o sonho de D. Manuel. Nesse episódio, o poeta português acrescenta o plano maravilhoso do poema, inserindo nos feitos expansionistas portugueses um valor semântico de “predestinação”. Vejamos o que o rio Ganges, personificado, fala ao rei de Portugal (estrofes 73 e 74):

Este, que era o mais grave na pessoa,  
Destarte *pera* o Rei de longe brada:  
- “Ó tu, a cujos reinos e coroa  
Grande parte do mundo está guardada,  
Nós outros, cuja fama tanto voa,  
Cuja cerviz bem nunca foi domada,  
Te avisamos que é tempo que já mandes  
A receber de nós tributos grandes.

Eu sou o ilustre Ganges, que na terra  
Celeste tenho o berço verdadeiro;  
Estoutro é o Indo, Rei, que, nesta serra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro.  
Custar-te-emos, contudo, dura guerra;  
Mas insistindo tu, por derradeiro,  
Com não vistas vitórias, sem receio,  
A quantas gentes vês porás o freio.

No Canto V, Vasco da Gama privilegiará os acontecimentos vividos por sua expedição. Assim, ainda compondo o enredo histórico, temos as descrições geográficas (Ilha da Madeira, Cabo Verde, Canárias, Ilhas de Santiago, etc.), o enfrentamento das tempestades, as histórias maravilhosas própria da experiência dos marinheiros (como o Fogo de Santelmo), o contato com indígenas e as aventuras de Fernão Veloso na ilha de Santa Helena, que são sucedidas pelo episódio do Gigante Adamastor, que integrará não o enredo histórico, mas o plano maravilhoso do poema, registrando um recurso criativo de Camões para dar à aventura de Gama um caráter mítico mais acentuado do que os percalços nada grandiosos permitiriam. A fala de Adamastor, um gigante de aparência medonha, que conta suas penúrias e o que o levou a ser transformado em pedra, insere, novamente, uma perspectiva de pessimismo ou, ao menos, de cautela, no que se refere aos desejos expansionistas portugueses. Sua força simbólica é um dos temas recorrentes dos estudiosos da epopéia camoniana<sup>1</sup>. Eis um trecho (estrofe 41):

E disse: — “Ó gente ousada, mais que quantas  
 No mundo cometeram grandes cousas,  
 Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,  
 E por trabalhos vãos nunca repousas,  
 Pois os vedados términos quebrantas,  
 E navegar meus longos mares ousas,  
 Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,  
 Nunca arados d’estranho ou próprio lenho:  
 ...  
 Sabe que quantas naus esta viagem  
 Que tu fazes, fizeram, de atrevidas,  
 Inimiga terão esta paragem  
 Com ventos e tormentas desmedidas!  
 E da primeira armada, que passagem  
 Fizer por estas ondas insofridas,  
 Eu farei de improviso tal castigo,  
 Que seja mor o dano que o perigo!

Essas ameaças e outras, de tom profético (naufrágios, atingem Vasco da Gama), que, todavia, se compadece do Gigante ao ouvir a história de seu amor por Tétis e a punição da deusa, que o transformou no Cabo das Tormentas. O desejo de Vasco da Gama de que a viagem não seja tão desafortunada para ratificar-se com o encontro com os etíopes, mas o prosseguimento da busca pelas Índias e a ausência de sinais da terra buscada mexem com os ânimos dos viajantes. Nesse canto é, ainda, valoriza-

da a lealdade ao rei. Camões enaltece a força de vontade que leva os portugueses, mesmo expostos à dúvida, ao medo e ao desconhecido, a manterem uma postura fiel ao propósito da viagem. Ou seja, o Canto V sustenta o “perfil” do povo português, representado por seus navegantes. Leiamos a estrofe 71:

Corrupto já e danado o mantimento,  
Danoso e mau ao fraco corpo humano,  
E além disso nenhum contentamento,  
Que sequer da esperança fosse engano.  
Crês tu que, se este nosso ajuntamento  
De soldados não fora Lusitano,  
Que durara ele tanto obediente  
Por ventura a seu Rei e a seu regente?

Ainda nesse canto, conhecemos mais alguns infortúnios dos portugueses, entre eles, o escorbuto e, finalmente, a passagem por Moçambique e a chegada a Melinde, o que faz Vasco da Gama voltar ao presente e ao encontro com o Rei de Melinde. Na estrofe 86, Gama questiona o rei sobre o valor do que narrou, estabelecendo como eixos de comparação os feitos de Enéias e de Ulisses, e os poetas Homero e Virgílio. Esse trecho repete a máxima “Cessem do sábio Grego e do Troiano”.

Julgas agora, Rei, se houve no mundo  
Gentes que tais caminhos cometessem?  
Crês tu que tanto Eneias e o facundo  
Ulisses pelo inundo se estendessem?  
Ousou algum a ver do mar profundo,  
Por mais versos que dele se escrevessem,  
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,  
E do que *inda* hei de ver, a oitava parte?

O Canto VI contemplará festejos do rei de Melinde aos portugueses e a partida para Calecu. A narração histórica é interrompida e nova alusão à mitologia clássica aparece, com a descida de Baco ao reino de Netuno e a descrição do deus Netuno, por meio da qual Camões, dentro da estética renascentista, recupera a imagem mítica do “senhor das águas”. O Canto VII se inicia com a chegada às Índias, o elogio a Portugal e a censura à Alemanha, à Inglaterra, à França e à Itália, para, então, prosseguir com os feitos portugueses em terra e o encontro com o mouro Monçaide, que assumirá a função de contar coisas sobre a nova terra a Gama e aos portugueses. O Canto VIII retoma a narração e parte do momento em que

Catual observava uma imagem pintada em uma bandeira do navio (a de Luso, que deu origem à Lusitânia). Agora será vez de Paulo da Gama, um dos membros da expedição, contar a Catual um pouco mais sobre os portugueses. Assim, a fala de Paulo da Gama busca, meio da descrição das figuras das bandeiras<sup>1</sup> (entre elas, a de Luso, Viriato, Afonso Henriques, Dom Fuas Roupinho, Martim Lopes, etc.) retomar o valor heróico de alguns personagens históricos portugueses e registrar as práticas e acordos de natureza comercial. O relato dialogado sobre as bandeiras (pois Catual faz perguntas) inicia-se na estrofe 2 e segue até a 43. A negociação, que parecia, até então, estar bem encaminhada, recebe a interferência de Baco, que perturba o imaginário indiano aparecendo, em forma de sonho, a um sacerdote maometano.

A reação do Samorim às opiniões de seus conselheiros é introduzida por uma estrofe que deixa clara a perspectiva de Camões acerca do modo como um rei deve conduzir suas ações e decisões. É interessante observar que a fala de Samorim, apesar de negar a verdade dos navegantes portugueses, ao mesmo tempo a valoriza, ampliando-lhes o feito. Afinal, quem “Há de vir cometer com naus e frotas/Tão incertas viagens e remotas?”. A resposta de Gama (estrofe 65 a 75) é um exercício de Retórica, que inclui não só a tentativa de convencer Samorim como a oportunidade de, mais uma vez, valorizar os feitos portugueses. Leia-mos um trecho (estrofe 73):

Assi, com firme peito, e com tamanho  
Propósito, vencemos a Fortuna,  
Até que nós no teu terreno estranho  
Viemos pôr a última coluna.  
Rompendo a força do líquido estanho,  
Da tempestade horrífica e importuna,  
A ti chegamos, de quem só queremos  
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos

Aqui registra-se, portanto, um embate Retórico entre o devaneio (provocado pelo sonho) e a razão, típico jogo renascentista de palavras. Claro está que, dentro da ótica renascentista, mereceria muito mais crédito a palavra medida, justa, racional. A descoberta de que Catual era falso e de que tinha a intenção de atear fogo às naus vai promover uma situação politicamente difícil para Gama. O enredo promove, então, uma abertura para considerações sobre o poder do dinheiro e a venalidade. O Canto IX revelará o desfecho do conflito. Após um momento tenso, em que portugueses são retidos e é necessária uma reação de Vasco da Gama, para promover uma troca de reféns, Samorim reconhece seus equívocos. A relação comercial pretendida, todavia, revela-se utópica. Das estrofes 12

a 17, temos o desfecho histórico da expedição, constituindo uma espécie de “balanço” dos prós e dos contras. Cabe destacar, entre muitos aspectos, o ícone do expansionismo Cristão, representado por Monçaide, que parte com os portugueses. Veja a estrofe 17:

O prazer de chegar à pátria cara,  
A seus penates caros e parentes,  
*Pera* contar a peregrina e rara  
Navegação, os vários céus e gentes;  
Vir a lograr o prémio, que ganhara,  
Por tão longos trabalhos e acidentes,  
Cada um tem por gosto tão perfeito,  
Que o coração para ele é vaso estreito.

Logo depois temos a intervenção de Vênus, que decide premiar os portugueses com uma “merecida” experiência idílica. Tem início, assim, na estrofe 18 o episódio da Ilha dos Amores. O pensamento de Vênus está expresso na estrofe 39:

E, porque das insídias do odioso  
Baco foram na Índia molestados,  
E das injúrias *sós* do mar undoso  
Puderam mais ser mortos que cansados,  
No mesmo mar, que sempre temeroso  
Lhe foi, quero que sejam repousados,  
Tomando aquele prémio e doce glória  
Do trabalho, que faz clara a memória

Motivada por esse pensamento, aos portugueses, a deusa preparou uma ilha paradisíaca habitada por “aquáticas donzelas”. A narrativa contempla o fato de que Cupido, com a ajuda de “meninos voadores”, seus auxiliares, fere os homens com as setas do amor, que são, depois, “socorridos” por ninfas. As ninfas que socorrem os “feridos” podem, inclusive, ser belas ou feias, pois o “veneno” do amor torna esses homens imediatamente apaixonados. A narrativa relembra os casos de BÍbli e Cinírea, envolvidas em amores incestuosos, respectivamente, com seu irmão e com seu pai. Nessa condição, Vênus pede a Cupido que a ajude com os portugueses. Assim se descreve a cena que espera os varões lusos (estrofe 41):

Ali, com mil refrescos e manjares,  
Com vinhos odoríferos e rosas,  
Em cristalinos paços singulares,

*Fermosos* leitos, e elas mais *fermosas*;  
 Enfim, com mil deleites não vulgares,  
 Os esperem as ninfas amorosas,  
 D'Amor feridas, *pera* lhe entregarem  
 Quanto delas os olhos cobiçarem.

A própria Vênus, portanto, será responsável pela sedução coletiva. Cupido pede ajuda à deusa Gigantea (Fama) para mudar a opinião das ninfas sobre os portugueses (uma vez que Baco as havia contaminado). A volubilidade das ninfas é destacada, assim como a enxurrada de flechas que fazem as ninfas e a própria Tétis sucumbirem aos desígnios de Amor. Nesse trecho são citadas passagens míticas relacionadas a Juno, Diana, Latona, Dafne, Cibele, Átis e Ságarris, Pomona (deusa das árvores frutíferas), Narciso e Eco, Filomela e Éfire (filha de Oceano e Tétis). Ninfas nuas, em ambiente natural, repleto de aromas e sabores, é o que os portugueses encontram. Estes passam, então, a “caçar” as ninfas, que “se vão deixando alcançar”. O jogo erótico ganha traços de “falsete”. Além dos jogos amorosos, os encontros entre as ninfas e os portugueses envolvem descrições bucólicas, carregadas de referências clássicas, que acentuam a faceta renascentista da obra. A Gama cabe Tétis, registro claro da hierarquia do prazer (estrofe 85).

Uma delas maior, a quem se humilha  
 Todo o coro das Ninfas, e obedece,  
 Que dizem ser de Celo e Vesta filha,  
 O que no gesto belo se parece,  
 Enchendo a terra e o mar de maravilha,  
 O Capitão ilustre, que o merece,  
 Recebe ali com pompa honesta e régia,  
 Mostrando-se senhora grande e egrégia.

Todavia, mais que recompensas carnavais, Tétis oferecerá a Vasco da Gama uma visão da máquina do mundo, por meio da qual o herói terá acesso (um dos temas do Canto X), entre outros, a imagens do futuro de Portugal (estrofe 86). Ao final do canto IX, a voz poética relaciona os prazeres proporcionados pelas ninfas como símbolos das honrarias que a vida reserva aos valorosos. Todavia, ainda que justifique a experiência idílica como justa, sem fazer alusão a quaisquer valores religiosos que pudessem questionar as relações amorosas pagãs e livres, a voz poética segue com conselhos aos portugueses para que sejam justos na distribuição das riquezas e saibam lidar com a Fama. Leiamos duas estrofes (92 e 93):

Mas a Fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos  
De Deuses, Semideuses imortais,  
Indígetes, Heróicos e de Magnos.  
Por isso, ó vós que as famas estimais,  
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do sono do ócio ignavo,  
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

E ponde na cobiça um freio duro,  
E na ambição também, que indignamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
Vício da tirania infame e urgente;  
Porque essas honras vãs, esse ouro puro  
Verdadeiro valor não dão à gente:  
*Milhor* é merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer.

O Canto X, encerrando o poema, conterà as profecias de Tétis e a perspectiva maravilhosa da visão da máquina do mundo. Enquanto os amantes e as amantes despedem-se satisfeitos, trocam carinhos delicados, ouvem o canto de despedida entoado pela Sereia. Tétis descreve a Gama o futuro (estrofe 7):

Com doce voz está subindo ao Céu  
Altos *barões* que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras Idéias viu Proteu  
Num globo vão, diáfano, rotundo,  
Que Júpiter em dom lho concedeu  
Em sonhos, e *despois* no Reino fundo,  
Vaticinando, o disse, e na memória  
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

Na estrofe 8, a voz poética faz novo apelo à Calíope: “Aqui, minha Calíope, te invoco/ Neste trabalho extremo, por que em pago/ Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,/ O gosto de escrever, que vou perdendo.” Pode-se pensar que, para Camões, o ponto mais difícil da história portuguesa contada seria justamente esse: a história do tempo presente e as projeções de futuros acontecimentos. Portugal, como vimos, vivia seu auge, e, a inteligência camoniana e suas próprias experiências como explorador, lhe ditavam alguns receios.

A “bela Deusa” canta, ainda, os que viriam “pelo amor que Gama abrira”, os governadores da Índia, novas batalhas, injunções perversas envolvendo D. Francisco de Almeida e seu filho, D. Lourenço de Almeida



e diversos outros episódios relacionados ao futuro das Índias, dos portugueses e do próprio Vasco da Gama.

Ao fim do relato histórico, Tétis destaca, mais uma vez, o valor dos “barões assinalados” e a eterna recompensa das ninfas às empreitadas valerosas daqueles. Como o próprio poema diz, “*Depois* que a corporal necessidade/ Se satisfez do mantimento nobre” (estrofe 75), Tétis leva Gama ao alto de um monte, de onde ele poderá vislumbrar o Universo (onisciência) ou a “Máquina do Mundo”, passagem que ratificará a concepção criacionista cristã e todo o centramento ideológico europeu, luso, cristão, branco e patriarcal. Dada a extensão do trecho (estrofe 80 a 141), e o vasto conteúdo, que envolve não só as concepções do universo baseadas em teorias teológicas como a ideologia político-econômica que determinou a geografia do mundo de então, leiamos três estrofes que ratificam essa concepção de mundo (estrofes 92 e a 140, que contempla o Descobrimento do Brasil):

Vês Europa Cristã, mais alta e clara  
 Que as outras em polícia e fortaleza.  
 Vês África, dos bens do mundo avara,  
 Inculca e toda cheia de bruteza;  
 Co Cabo que até *qui* se vos negara,  
 Que assentou *pera* o Austro a Natureza.  
 Olha essa terra toda, que se habita  
 Dessa gente sem Lei, quase infinita.

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
 Parte também, *co* pau vermelho nota;  
 De Santa Cruz o nome lhe poreis;  
 Descobri-la-á a primeira vossa frota.  
 Ao longo desta costa, que tereis,  
 Irá buscando a parte mais remota  
 O Magalhães, no feito, com verdade,  
 Português, porém não na lealdade

Da estrofe 144 à última, a 156, será voz poética que ficará responsável pelas ponderações sobre tudo o que passou, incluindo seu próprio esforço para compor o poema. Com lira “destemperada” e voz “enrouquecida”, o poeta descreve a pátria de forma pessimista, destacando a soberania de valores como a cobiça e a rudeza, e põe-se a aconselhar o rei dom Sebastião sobre diversos temas. No seu ponto de vista, valores maiores devem ser resgatados, como a bondade, a justiça, a religiosidade e a sabedoria. Cansado, o poeta, na penúltima estrofe, revela esperar que sua obra receba de seu destinatário primeiro, Dom Sebastião, um olhar reconhecido (estrofe 155).

*Pera* servir-vos, braço às armas feito,  
*Pera* cantar-vos, mente às Musas dada;  
Só me falece ser a vós aceito,  
De quem virtude deve ser prezada.  
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito  
*Dina* empresa tomar de ser cantada,  
Como a pressaga mente vaticina  
Olhando a vossa inclinação divina,

Camões termina onde começará, um pouco mais adiante, a outra força simbólica que caracteriza o imaginário português: o messianismo representado pela figura mítica que Dom Sebastião, após o sumiço na Batalha de Alcácer-Quibir (1578), passa a ser. Antes de morrer (1580), e testemunhando a crise nacional resultante da derrota portuguesa, Camões, em famosa carta a Francisco de Almeida, afirma: “Enfim acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado à minha Pátria que não só me contentei de morrer nela, mas com ela”.



Camões trabalhando ([http://4.bp.blogspot.com/\\_fvMmtgX9Xf0/SfUuKihej-I/AAAAAAAAAE6Y/YhxgXxPYRHI/s400/Cam%C3%B5es+1.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_fvMmtgX9Xf0/SfUuKihej-I/AAAAAAAAAE6Y/YhxgXxPYRHI/s400/Cam%C3%B5es+1.jpg))

## OS LUSÍADAS: MAIS ALGUMAS REFLEXÕES

Buscando refletir um pouco mais sobre o caráter nacionalista dual da obra (laudatório e crítico), reportamo-nos a um ensaio de Clécio Quesado. Em “Um percurso pelo alegórico n’*Os Lusíadas*”, o pesquisador trata de questões bastante pertinentes acerca dos conteúdos simbólicos trabalhados, em nível subjacente, na epopéia camoniana, de modo tal que permitem a Camões extrapolar a constituição nacionalista laudatória % que, em geral, incrementa ou sustenta a intencionalidade épica % em nome de uma expressividade crítica mais aguda que revela um nacionalismo de outra ordem: independente e consciente. Segundo ele, residem nas alegorias do poema os momentos em que a ideologia que dá fundamento ao poema se manifesta. Ali convivem um narrador épico comprometido com a louvação ao expansionismo europeu e um pensador humanista, que problematiza e traz à tona aspectos do expansionismo que merecem ser questionados. Conforme afirma Clécio, essas alegorias “representam o processo de afirmação histórica e geográfica do homem, decantado como o dominador do espaço (Terra – Mar - Céu) e do tempo (passado – presente – futuro) no seu caminho de transespacialização”.<sup>1</sup>

Nesse enfoque, Clécio estudou o valor alegórico dos episódios “Sonho de D. Manuel”, “Velho do Restelo”, “Gigante Adamastor” e “Ilha dos Amores”, destacando-lhes feições alegóricas relacionadas a três constituições significativas específicas: a alegoria da Carência (“Sonho de D. Manuel”), a alegoria da Provação (“Velho do Restelo” e “Gigante Adamastor”) e alegoria da Conquista (“Ilha dos Amores”), por meio das quais injunções e contradições do expansionismo português foram subliminarmente problematizadas.

Tal estudo, além da questão da transgressão discursiva ao modelo épico meramente laudatório, guarda correspondência com as imagens míticas veiculadas pelo poema. Assim, o “Sonho de D. Manuel” daria preenchimento a dois aspectos arquetípicos que compõem o imaginário português: a predestinação e o expansionismo; “Velho do Restelo” e “Gigante Adamastor”, a outros dois: a punição e a metamorfose, ou seja, representações de que tipo de “destino” aguarda quem envereda por um caminho fadado ao fracasso; e “Ilha dos Amores”, à superação, à purificação, à sexualidade, à fecundação e à imortalidade, aspectos relacionados, dessa vez, ao desejo de auto-superação e retorno ao auge, igualmente próprios da cultura portuguesa.

O plano maravilhoso e o histórico de *Os Lusíadas*, ainda que se considerem suas características particulares, denotam, antes de tudo, como vimos, uma interferência criativa de Camões, no plano literário, centrada na intencionalidade lógica de convencimento e ratificação das interpenetrações História/Mito. A inclusão da História de Portugal em dois cantos do poema, por exemplo, teria como função legitimar a

mitificação da viagem de Vasco da Gama, já que, desde o início do poema, que começa *in media-res*, está explícito que o povo português teve que superar vários problemas até chegar a ponto de “encantar” Vênus e tê-la como “protetora”. Essa superação como povo, somada às circunstâncias em que viagem foi realizada e à sua importância para o desenvolvimento do Ocidente deram à empreitada um caráter mítico, ou seja, diferentemente das epopeias clássicas, Camões não partiu de um herói mitificado. Vasco da Gama era o representante histórico de um povo, um símbolo dos que lograram alcançar, com sucesso, o final de uma empresa.

Durante este curso, temos valorizado a inserção da história como um dos elementos mais marcantes da literatura portuguesa. Veja que não analisamos os textos literários apenas pelo caráter biográfico e histórico, mas tentamos entender como a história dá sentido à literatura portuguesa. Por exemplo, o preenchimento mítico em *Os Lusíadas* é construído por meio da inserção de episódios históricos (tais como a coroação de Afonso Henriques e o episódio de Inês de Castro) carregados de simbologias que guardam correspondência com o Mito, mas que são historicamente sustentados por uma linguagem construída para ser verossímil<sup>2</sup>.

A ideologia expansionista portuguesa, único referente em Camões poderia se sustentar para valorizar uma cultura bastante distante das incipientes e significativas conquistas tecnológicas alcançadas por outras nações, aparece, no poema, sustentada por uma perfeita articulação entre o dado histórico e a inventividade literária. Essa sustentação, por isso, não poderia estar centrada num herói, já que a ideologia expansionista não era individual (como no caso de Ulisses, por exemplo), mas coletiva. A predestinação, portanto, não era singular, mas plural; logo, ao mitificar o expansionismo português, Camões mitifica o próprio povo. Nesse sentido, *Os Lusíadas* não centra a ótica social num homem, mas num grupo de homens que representa uma sociedade<sup>3</sup>.

Podemos observar, retomando alguns cantos, como aspectos históricos e míticos são contemplados e integrados. No Canto I, o primeiro verso substantiva e adjetiva o heroísmo português: os “barões” são os “assinalados”, o heroísmo coletivo, portanto, será masculino. Na invocação, a força também será coletiva, pois a Musa clássica deve calar-se para dar voz às tágides, ninfas do Tejo, ou seja, as mulheres são inseridas no plano formal (invocação) em forma coletiva e mítica. Nesse canto há referências históricas ao povo lusitano e seu espírito bélico, a Afonso Henriques e sua predestinação, a Nuno Álvares Pereira, a Egas Muniz, a Vasco da Gama e a diversos outros.

No plano maravilhoso, a estrutura hierárquica patriarcal do Olimpo é retomada no poema, cujo “Concílio dos deuses” relembra os concílios de *Odisseia*. Júpiter é aquele que preside e legitima as decisões. O maior inimigo dos portugueses, entretanto, é um deus homem, Baco, que, preocupado com o prejuízo que os portugueses poderiam causar ao culto báquico existente nas Índias, ve-

tou o projeto expansionista português. Na contrapartida, Vênus, amparada por Marte (cujo compromisso amoroso com a deusa lhe obrigara à fidelidade de partido) e Mercúrio, será a voz que intercederá para que os planos portugueses se cumpram. Nesse canto, no entanto, Vênus ainda não exercerá, com força discursiva, sua função de defensora dos portugueses.

O universo religioso é contemplado na menção à mãe e ao pai de Maomé, e na descrição de Cristo como “Deus-Homem”. Ou seja, Camões consegue relacionar a herança pagã deixada pelo Classicismo ao imaginário cristão português que legitimava a função ideológica religiosa do expansionismo que, entre outros, combateria a religiosidade muçulmana. Camões constrói uma visão cristã da presença simbólica de Maomé em Moçambique e arredores (estrofes 53, 98 e 99), quando um dos habitantes das ilhas encontradas pelos portugueses (depois chamado de Mouro e de “falso Mouro”) passa a fazer parte da expedição, para, depois, ser influenciado por Baco a preparar uma armadilha para os portugueses. Primeiro coloca como a opção religiosa cristã como a verdadeira: “Nós temos a Lei certa, que ensinou/O claro descendente de Abraão”. Depois constrói a imagem negativa do mouro, aspecto herdado da tradição das Cruzadas: “O mesmo o falso Mouro determina,/ Que o seguro Cristão lhe manda e pede”. De outro lado, e também exemplificando a oscilação entre o valor laudatório e a visão crítica impressos no poema, também podemos observar a face violenta da guerra (estrofes 90 e 92), a incapacidade humana para o entendimento e as provocações que essa natureza humana desperta no âmbito das divindades (estrofe 106). Por trás, contudo, dessa consciência, está a valorização do “feito português” de impor uma ideologia “superior”, que tira do estado de primitivas culturas com as quais se relaciona e às quais se impõe (observemos, para isso, os dois últimos versos da estrofe 92):

No mar, tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida;  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade *avorrecida!*  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Esses, é claro, são pequenos exemplos da conciliação entre a voz laudatória e o pensamento humanista. A leitura completa do poema, obviamente, nos mostrará inúmeros outros trechos em que esse aspecto de *Os Lusíadas* está presente. Observando outra aproximação: a que Camões faz entre o universo pagão e o cristão, no Canto II, há uma relação semântica entre a Fênix e Nossa Senhora, o que reforça a natureza cristã do poema (estrofe 11)

Ali tinha em retrato afigurada  
Do alto e Santo Espírito a pintura:  
A cândida pombinha debuxada  
Sobre a única Fénix, Virgem pura;  
A companhia santa está pintada  
Dos Doze, tão torvados na figura,  
Como os que, só das línguas que caíram,  
De fogo, várias línguas referiram.

No plano da ação maravilhosa são novamente citadas entidades da mitologia pagã. Alguns “atributos” da deusa pagã Vênus estão, entretanto, comprometidos pela ideologia cristã. Assim, a descrição de Vênus contempla-lhe a beleza física dos cabelos, do pescoço, dos seios, das pernas e da genitália, “devidamente coberta” por representar a “vergonha” (sexualidade e sedução) e as características psicológicas (ela é brincalhona, alegre, triste, queixosa). Nesse canto, a ação de Vênus é expressiva: ela acompanha as naus portuguesas, seguida por um séqüito de nereidas, até que, ciente do stratagem de Baco (que finge ser um sacerdote cristão para enganar Vasco da Gama), Vênus e as nereidas opõem o peito à Nau Capitânia, impedindo sua entrada em Mombaça. Vênus dirige-se a Júpiter para rogar pela intervenção do Deus, no que é atendida, após fazer uso de um discurso emotivo, como caberia à sua “natureza amorosa”. A proteção de Júpiter, portanto, foge do modelo de protecionismo divino cristão, já que é construído à base de um jogo de sedução.

No Canto III, Camões retoma um dos momentos históricos de Portugal mais mitificado, a morte de Inês de Castro, amante castelhana de D. Pedro. Nessa estrofe, ele destaca a violência covarde de D. Afonso IV (estrofe 123) contra Inês de Castro: “Tirar Inês ao mundo determina,/Por lhe tirar o filho que tem preso,/Crendo *co* sangue só da morte *indina*/Matar do firme amor o fogo aceso”. Depois o poeta descreve o episódio a partir da fala de Inês que, preocupada com o destino dos filhos, busca demover o rei de sua decisão. O discurso de Inês sustenta-se em sua condição de mulher apaixonada que foi conquistada pelo príncipe D. Pedro (estrofe 127): “Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito/(Se de humano é matar uma donzela/Fraca e sem força, só por ter sujeito/O coração a quem soube vencê-la)”. Logo depois, Inês, proclama por sua vida em nome dos filhos. Com isso, o poeta repete a submissão e a punição à quais foram submetidas as mulheres em nome de valores “maiores que o amor”, como os interesses políticos e econômicos. Ao mesmo tempo, contudo, sua força simbólica corrobora para que outro elemento da cultura portuguesa seja realçado: o lirismo amoroso. Assim, Inês se perpetua como imagem mítica literária do amor-mártir.

No Canto IV, onde fica registrada a situação que provocou a mudança de Dinastia, D. Lianor, adúltera, é apontada como o elemento causador dos problemas políticos portugueses. Seu caso extraconjugal, assumido após a morte de D. Fernando, com o galego João Fernandes Andeiro, Conde de Ourém, é prova da vilania da rainha. Se a morte do Conde fica historicamente legitimada pelo adultério (punição), a paternidade de D. Beatriz fica sob suspeita. O casamento de Beatriz com D. João I, rei de Castela, deu início à desestruturação do poder. Muitos portugueses acreditavam ser D. João, mestre de Avis, irmão de D. Fernando, filho bastardo de D. Pedro I (com Inês de Castro), o verdadeiro sucessor ao trono, dado o comportamento suspeito de D. Lianor e a sujeição dos portugueses ao reino de Castela, em decorrência do casamento de Beatriz com João I. O herói Nuno Álvares Pereira pôs-se em defesa do mestre de Avis e, na Batalha de Aljubarrota, definiu-se a nova dinastia portuguesa: a de Avis. O desfecho da guerra incluirá novos planos matrimoniais (ou seja, o casamento é um consórcio político): o das princesas inglesas, filhas do Duque de Lencastre, D. Fillipa e D. Catarina, respectivamente com D. João I e D. Henrique de Castela. A geração surgida a partir de D. João I será lembrada como “íclita” ou ilustre: D. Duarte, D. Fernando (o infante santo, que morreu resignado nos calabouços africanos em função do episódio de Ceuta), D. Henrique, D. Isabel, D. João e D. Pedro.

No plano maravilhoso do Canto IV, encontramos a menininha que teria profetizado o reinado de D. João I, as referências a Tétis, Partênope (sereia enterrada no local onde se construiu Nápoles), Aretusa e o sonho de D. Manuel, que ouve a voz do Rio Ganges e as profecias acerca do destino expansionista de Portugal, a partir do que Vasco da Gama será chamado para assumir o comando das expedições marítimas portuguesas. Ainda no Canto IV, o Velho do Restelo será a voz dissonante e objurgatória (apontada por Clécio) que condena a ambição e a vaidade humanas.

Observamos, assim, que, no Canto IV, Camões promove uma associação forte entre o conteúdo histórico (que flagra um momento importante de transição) e o imaginário maravilhoso, que preenche expectativas e visões de mundo portuguesas da época.

No Canto X, e enfocando agora o imaginário social da época, ainda que se deva considerar a atenuação feita pela voz poética, não se pode deixar de observar quão patriarcal é o episódio. As mulheres/ninfas são objetos de contemplação e prazer, assim como o são para elas os portugueses. As juras de “amor eterno” ratificam a efemeridade dos discursos amorosos ao mesmo tempo em que dão aos enlevos amorosos uma facha cristã (purificação).

### CONCLUSÃO

Como visto nesta aula, a narrativa épica de Camões vai muito além de uma simples epopéia. O compromisso histórico e estético dessa obra com a história de Portugal é inquestionável. A sabedoria estética aliada à dimensão cultural desse homem (aula 7) pode ser identificada em várias passagens de obra, que ora pode ser lida pela beleza de seu lirismo, ora pela forma respeitosa como representa os episódios históricos de Portugal e, sobretudo, como propõe o próprio estilo épico, explorando o maravilhoso. O herói não é apenas Vasco da Gama o homem responsável pela travessia vitoriosa do povo português pelos mares desconhecidos, ele pode se visto como a metonímia de um povo com sede de expansão de liderar a colonização dos continentes americano, africano e asiático. A importância dos lusíadas para a história da literatura portuguesa vai além de seu tempo. Trata-se de uma obra que também sintetiza a evolução dessa literatura. Claro que há momentos hiperbólicos exagerados e ufanistas, mas nada que diminua a importância e beleza estética dessa grande obra. Então, como avisamos, a leitura de *Os Lusíadas* merece muito mais tempo e dedicação, aqui foi apenas uma introdução.

### RESUMO



Esta aula estudou exclusivamente a obra *Os Lusíadas*. Nessa obra épica, Camões canta as grandes navegações, a história dos grandes Reis de Portugal, de forma ufana. Assim, criando um novo modelo de epopéia, Camões retoma o estilo grandioso de Homero para narrar os feitos dos portugueses. A concepção renascentista prevalece, dimensionada, de forma ampla, pelas conquistas expansionistas com seu legado cultural, positivo e negativo. *Os Lusíadas* traz fatores principais: conciliação entre a Antiguidade e a Modernidade; reprodução geográfica européia fiel ao seu tempo; articulação do nacionalismo da exaltação e o da reflexão crítica; a condição heróica plural; e a conciliação dos universos pagão e cristão. Assim, Camões extrapola a constituição nacionalista laudatória em nome de uma expressividade crítica mais aguda que revela um nacionalismo de outra ordem: independente e consciente. Dessa forma, valorizamos a inserção da história como um dos elementos mais marcantes da Literatura Portuguesa.



## ATIVIDADES

1. Redija um comentário sobre *Os Lusíadas* explorando a relação entre o histórico e o mítico.
2. Como o nacionalismo é construído em *Os Lusíadas*? Camões canta apenas os êxitos dos reis portugueses? De que forma ele constrói sua visão crítica acerca da sociedade portuguesa?
3. Uma das qualidades da obra de Camões é a volta no tempo para valorizar momentos decisivos da história de Portugal. Leia a estrofe, em que Camões destaca a covardia dos conselheiros de D. Afonso IV contra Inês de Castro. Veja como Camões constrói o pedido de clemência de Inês a partir do ponto de vista da mãe para comentar esse fato como mítico ou histórico, por quê?

(estrofe 123)

Tirar Inês ao mundo determina,  
 Por lhe tirar o filho que tem preso,  
 Crendo *co* sangue só da morte *indina*  
 Matar do firme amor o fogo aceso.  
 Que furor consentiu que a espada fina  
 Que pôde sustentar o grande peso  
 Do furor Mauro, fosse alevantada  
 Contra uma fraca dama delicada?

(estrofes 127, 128 e 129)

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
 (Se de humano é matar uma donzela  
 Fraca e sem força, só por ter sujeito  
 O coração a quem soube vencê-la),  
 A estas criancinhas tem respeito,  
 Pois o não tens à morte escura dela;  
 Mova-te a piedade sua e minha,  
 Pois te não move a culpa que não tinha.  
 “E se, vencendo a Maura resistência,  
 A morte sabes dar com fogo e ferro,  
 Sabe também dar vida, com clemência  
 A quem *pera* perdê-la não fez erro.  
 Mas, se to *assi* merece esta inocência,  
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro,  
 Na Cítia fria, ou lá na Líbia ardente,  
 Onde em lágrimas viva eternamente.



“Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre leões e tigres, e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei.  
Ali, *co* amor intrínseco e vontade  
Naquele por quem morro, criarei  
Estas relíquias suas que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. O herói Vasco da Gama é apenas uma síntese do povo português. A visão histórica portuguesa apresentada nessa epopéia é mítica, pois faz parte de um imaginário idealizado. Caso você releia nossas explicações, você terá muito mais argumentos para desdobrar suas respostas.
2. Desde o primeiro momento é ele ufano, isto é, cego, pois só valoriza a grandiosidade de Portugal. O exagero e a hipérbole marcam o tom desse nacionalismo. Por outro lado é valioso esse ponto de vista, pois através dele o imaginário de um sonho, de um desejo de desenvolvimento vai percorrer a cultura portuguesa por séculos. Leia um pouco mais nossos comentários para construir melhor seu ponto de vista.
3. O episódio de Inês de Castro já foi explicado várias vezes no decorrer desse curso. Por mais que tente se aproximar da realidade, trata-se de um olhar mítico, pois essa tragédia comoveu Portugal durante séculos. É desse episódio que se originou o ditado “a Inês é morta”, quer dizer não há mais volta. não há saída. Esse retorno ao mito está na base filosófica de *Os lusíadas*, que busca entender o passado para explicar a grandeza do presente renascentista português.



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, concluiremos nosso curso com um diálogo entre as heranças de *Os lusíadas* e as epopéias brasileiras e também comentaremos a influência da lírica trovadoresca em alguns poetas brasileiros.

## AUTOAVALIAÇÃO

Para um bom desempenho nesta aula, você precisa avaliar se consegue ler criticamente *Os Lusíadas* para ir além de nossos comentários. Como início, você deve saber resumir a obra estudada respeitando a perspectiva renascentista. Você deve identificar que características essa obra tem de tradicional e o que ela tem de inovadora. Deve também reconhecer a particularidades entre os discursos históricos e míticos no bojo da narrativa épica. Como essas reflexões, sua aprendizagem foi muito boa, parabéns!!



## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Poética. In: **Obras**. Madrid: Aguilar, 1973.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Porto: Porto Editora Ltda, s/a.
- FONSECA, Godin da. **Camões e os Lusíadas** Esboço de interpretação dialética. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.
- HIGHET, Gilbert. **La tradicion Clasica**. Influencias griegas y romanas em la literatura occidental. 2 v. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1954.
- HOMERO. **Odisséia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- HUERTA, Eleazar. **Indagaciones epicas**. Santiago de Chile: Editora Universitaria S.A., 1969.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.
- QUESADO, José Clécio Basílio. A significação do espaço n'*Os Lusíadas*. In: **Camões e Os Lusíadas**. Rio de Janeiro [s. Ed], p. 89-94. 1974.
- QUESADO, José Clécio Basílio. Um percurso pelo alegórico n'*Os Lusíadas*. In: **Convergência**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 5, p. 19-28. 1978.
- RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de doutorado.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da epopéia brasileira**. Vol. 1 Rio de Janeiro: Garamond, 2007.